

40º Encontro Anual da ANPOCS

SPG 18 - Mobilidades contemporâneas: dimensões etnográficas e sociologia dos deslocamentos

Título: Fluxo e Circulação: notas etnográficas sobre trajetórias e cotidiano na periferia leste de São Paulo.

Autor: Gregório Zambon Diniz

Resumo

A partir de uma etnografia desenvolvida na periferia leste de São Paulo, nesta comunicação, objetivo elucidar dois pontos principais, a saber: a ideia de fluxo, notadamente migratório, que se evidencia na trajetória dos sujeitos de minha pesquisa; a noção de circulação, referente às localidades e embasada no cotidiano, formas e meios pelos quais os indivíduos da periferia circulam pela Região Metropolitana de São Paulo. Ainda neste sentido, junta-se a importante tarefa de tentar elucidar os meios e alternativas de transporte público em São Paulo e região, perspectiva embasada nas dificuldades de mobilidade urbana da capital paulista e a sua grande concentração demográfica em sistemas saturados. Os sujeitos desta pesquisa são homens, negros e moradores do chamado "fundão da zona leste", localidade situada no limite da poligonal do município. É através de suas trajetórias de vida e de seus deslocamentos cotidianos que busco discutir centralmente, neste trabalho, por onde e como circulam, na cidade estes indivíduos, visto que as práticas e representações sociais se reformulam em cada território.

Introdução

Esta etnografia toma a cidade como plano de referência (TELLES, CABANES, 2006) e se enquadra teoricamente dentro de pesquisas etnográficas que tomam São Paulo e Rio como campo de pesquisa, principalmente os trabalhos de Feltran (2005, 2010), Santos (2014), Rizek, Hirata (2006), Machado da Silva (2008), Rosa (2014). São trabalhos importantes, que serviram de referencial para a pesquisa etnográfica, bem como para a feitura deste texto.

Começando por entender um pouco do processo de urbanização de São Paulo, não foi apenas o município, mas como toda sua região metropolitana, tiveram crescimento vertiginoso. Para se ter uma ideia deste crescimento, a população da cidade de São Paulo saltou de 2,7 milhões de habitantes no início da década de 1960, para algo em torno de 8,5 milhões de habitantes no final dos anos de 1970¹. Hoje o município de São Paulo conta com cerca de 11,5 milhões de habitantes, que conjuntamente com sua região metropolitana, chegam a expressivos 20,5 milhões de habitantes.

Para entender a ideia de fluxo, principalmente com o ponto de observação inicial na periferia da cidade, em primeiro lugar, a própria migração para a capital paulista é também um fluxo, que chamarei aqui de fluxo para a cidade. Estes fluxos migratórios forjaram as periferias de grandes cidades brasileiras, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Os sujeitos desta pesquisa ou são migrantes ou filhos de migrantes, principalmente vindos da Bahia.

Já o fluxo pela cidade é a própria circulação de pessoas por São Paulo e sua região metropolitana. Nestes fluxos, ou circulação, delimito inicialmente três categorias para entendê-los, a saber: os motivos e motivações, os locais de circulação e o transporte. Dito de outra forma, como os indivíduos fazem para chegar em algum lugar aonde é necessário estar em algum momento? Aonde se vai quando há necessidade de se comprar uma calça? E quando se precisa comprar um carro? Neste sentido, o transporte e, portanto, a mobilidade, são importantes. Sendo assim, farei, também algumas considerações sobre o transporte público e seu papel na circulação das pessoas pela cidade.

Os indivíduos desta pesquisa são moradores da periferia leste da cidade e se deslocam pela cidade pelos mais diversos motivos: visitar parentes em Suzano, ir à

1 Este dado pode ser conferido no site do IBGE.

faculdade na Barra funda, comprar roupa no Brás, ir ver a mãe no trabalho na Paulista ou ir à Itaquera comer no Mc Donalds. São 4 homens, sendo 3 negros e 3 com menos de 30 anos. É neste sentido que devo explicitar que esta é uma pesquisa etnográfica que contempla um universo marcadamente masculino, uma visão de cidade dos homens.

O texto a seguir é fruto de um pequeno pedaço de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Assim sendo, cabe aqui localizar o leitor sobre o plano mais amplo que se insere esta comunicação. A pesquisa foi feita em uma barbearia localizada no extremo leste da cidade de São Paulo, no distrito de Guaianases. Foram 6 meses de pesquisa etnográfica, feita de maneira sistemática², que me proporcionaram incontáveis páginas nos cadernos de campo. Para Rizek (2013, p. 23), “o diário de campo funciona como um anúncio de um texto futuro, ao qual só se chega, quando se chega, por esse retorno ao trabalho *de campo*”.

O trabalho de campo etnográfico tem de ser pensando como um trabalho no tempo. O etnógrafo está sempre trabalhando com a memória. Nesta direção, Das (1999) diz que O

tempo não é algo meramente representado, mas um agente que “trabalha” nas relações, permitindo que sejam reinterpretadas, reescritas, modificadas, no embate entre vários autores pela autoria das histórias nas quais coletividades são criadas ou recriadas (1999, p. 37)

Dessa forma, a partir de uma pesquisa mais ampla, feita ao longo do ano de 2015, que envolveu uma metodologia etnográfica, com observação participante e entrevistas semiestruturadas, estruturei o texto da seguinte forma: primeiro, falarei um pouco sobre os sujeitos da minha pesquisa e suas trajetórias; depois, trarei observações sobre o transporte público na cidade de São Paulo, baseado, principalmente, nas próprias notas etnográficas; por fim, trarei alguns apontamentos específicos que dizem respeito aos motivos e motivações para a circulação (ou não circulação) pela cidade a partir de cenas etnográficas.

2 Rodrigo sistemática numa ideia de método, pois até hoje frequento a barbearia.

Sujeitos e Trajetórias

Candinho

Candinho³ é o dono do salão. Negro, estatura média, cerca de 60 anos, mas bastante jovial. Imagino que todo mundo conheça o salão⁴ por “Salão do Candinho”, pois ele não tem um nome na porta. A história de Candinho reverbera o momento do Brasil na década de 1970. Migrante, negro e de família pobre, saiu do interior do Paraná, da roça de uma cidade não muito grande, quase na divisa com o estado de Mato Grosso do Sul. Veio junto com seu irmão mais velho tentar a vida em São Paulo, o que eu ele chamou de “a terra da oportunidade”. É importante ressaltar, também, que sua família já havia migrado da Bahia para o Paraná. Hoje, no sul, não possui parentes, mas no nordeste ainda se concentra quantidade importante de sua família

Sem estudo - “eu 'malemá' sabia escrever meu nome” - chegou na cidade grande sem lugar pra morar, sem nenhum conhecido e sem saber qualquer ofício, a não ser o roçado de anteriormente. Conseguiu um emprego de frentista em um posto de gasolina e um banco pra dormir em uma igreja católica no Jabaquara⁵. “Naquela época eu acho que não tinha nem o trem até lá ainda”. O seu irmão conseguiu um emprego provisório em uma barbearia, e assim começaram a ganhar algum dinheiro.

Passados alguns dias, Candinho afirmou que

o dono do posto ficou com dó de mim e me perguntou aonde eu tava morando. Aí eu falei que tava morando na igreja e então ele deixou eu morar em cima do posto, em um quatinho que tinha ali. Mas eu pedi pra deixar meu irmão morar comigo lá também, porque a gente dormia junto na igreja e o dono do posto deixou. E ainda levou umas cobertas velhas pra gente lá. Aí a gente ficou bonito.⁶

No mesmo momento em que Candinho contava que tinha se ajeitado, a história da uma reviravolta. Insatisfeito com a vida que levava ali, resolveu, depois de dois meses em São Paulo, largar tudo novamente e voltar para a sua cidade natal. Deixou o irmão na capital paulista e voltou para o Paraná. Isso era o ano de 1976.

Em 1978, volta a São Paulo, direto para Guaianases, onde seu irmão já estava arranjado e empregado como cabeleireiro. Chegando novamente na cidade, aprende, com

3 Os nomes utilizados neste texto são fictícios.

4 A maior parte das vezes, a referência ao local de trabalho é “salão”, apesar de algumas vezes o termo barbearia também ser mencionado.

5 Distrito de São Paulo, localizado na Zona Sul.

6 Trecho extraído dos cadernos de campo. A citação é aproximada.

seu irmão, o ofício de cabeleireiro e começam a trabalhar juntos. O pulo exato entre o momento que Candinho chegou em São Paulo pela segunda vez e o momento em que se tornou proprietário do salão, o local de minha pesquisa, eu não sei exatamente, mas julgo não ter demorado. Candinho já afirmou algumas vezes que, só no local atual do salão já são 35 anos.

Justamente por estar ali há tanto tempo, Candinho viu Guaianases mudar muito. Gosta de contar como os trens eram antigamente, por onde passavam, como demorava pra chegar no centro. “Aqui, olhando daqui pra lá, ó, era tudo favela. Favela e barranco. Mudou muito isso aqui. Esse rio aí não era encanado...”. Guaianases, analisando as palavras de Candinho e, até mesmo, etnografias feitas há pouco tempo (TELLES, CABANES, 2006), vemos que o distrito passou por um processo importante de consolidação, com muitas melhorias, deixando de lado, pelos menos nas regiões adjacentes ao seu centro, a ideia de franja urbana (TORRES, 2003)

Como é comum nas periferias de São Paulo, Candinho foi trazendo a família inteira para São Paulo. Hoje seus filhos moram no interior de São Paulo. Candinho está sempre falando de ir pro interior ver os filhos. Gosta muito de contar, também, das viagens que faz com seu carro nas estradas, quando vai visitar alguma parte de sua família que mora no interior da Bahia.

Como possui irmãos, com o tempo, Candinho passou a ter sobrinhos também. A nova composição do seu salão que, pelo que me conta, já mudou bastante, é formada por dois de seus sobrinhos e um outro rapaz, também próximo da família. É aqui que entra, então, os novos personagens desta pesquisa, a saber: Caio e Juca, seus sobrinhos, e Gabriel.

Gabriel

Com Gabriel tive menos de contato. Muito pelo fato de ele ter horários mais específicos no salão por conta de compromisso externos. Ao que parece – ele já me contou essa história, mas eu nunca entendi muito bem – ele é casado com a irmã da ex-mulher do Caio, daí a proximidade dos dois e da onde surgiu a oferta de emprego. Portanto Gabriel é casado e tem uma filha de 4 anos.

Gabriel tem 27 anos. Depois de Candinho, é o mais velho no salão. Foi nascido e criado em Guaianases, onde também estudou e completou o ensino médio. Pelo que me

conta, ele começou a namorar sua atual esposa, Dora, há muito tempo, quando tinha 19 anos e ela 15. Se casaram e depois ela engravidou. Ele fala com bastante orgulho da casa que mora, bem perto da estação do trem. “Apesar de ser aluguel, a casa é grande e o preço tá muito bom. Olha só: pertinho de tudo, não preciso andar pra nada”.

Ao contrário de Caio e Juca, ele não aprendeu a profissão com Candinho. Ele fez um curso profissionalizante de cabeleireiro. Ostenta uma barba bem comprida e um cabelo raspado dos lados e com um grande topete em cima. Ele diz que sua esposa não deixa mais ele mudar, porque ele, enquanto cabeleireiro, tem que ter estilo.

Nessa história, há pouco tempo, sua esposa abriu um salão na sua própria casa, na parte de cima. Não é bem na lage da casa, mas numa parte mais em cima. Muitas vezes Gabriel chega mais tarde ou sai entre um cliente e outro pra ir ajudar no novo salão de Dora. Como é o único deles com filha pequena, também tem que, eventualmente pegá-la no colégio ou leva-la a algum lugar.

Caio

A história de Caio também se passa, quase a vida inteira, em Guaianases⁷. Caio é sobrinho de Candinho, negro e tem, hoje, 23 anos. Mora com seu pai na parte sul de Guaianases, mas visita sua mãe com frequência. A mãe de Caio trabalha em um hotel na região da Avenida Paulista, na linha verde do metrô, como camareira.

Caio trabalha com seu tio há cerca de 5 anos. Foi Candinho que lhe ensinou a profissão. Tem um carro, que facilita seu percurso, já que não mora tão perto do salão. Quando comecei a frequentar o salão, Caio havia trancado a faculdade. Começou a trabalhar depois que se formou no colegial para ter condições de pagar uma escola particular. Cursava, até então, engenharia civil, e já estava no último ano. Teve que trancar porque o dinheiro ficou escasso.

Conversando com ele, é fácil notar que ele nunca teve a perspectiva de conseguir passar em uma universidade pública. Isso é traduzido em muitos fatos, sendo o principal deles sequer ter tentado o vestibular das universidades estaduais de São Paulo. Parece ser uma condição pré-determinada: fazer faculdade, tudo bem; pública, nem pensar.

No entanto, no descompasso entre um grande aumento no número de vagas nas universidades federais em todo Brasil, a unificação dos seus vestibulares, além de um

⁷ Caio morou um ano em Sorocaba, cidade do oeste paulista, localizada a cerca de 100 km da capital.

aumento significativo no número de bolsas, sejam de permanência, para estudantes de baixa renda, sejam de bolsas em faculdades privadas, Caio sequer sabia como conseguir concorrer a uma bolsa pelo PROUNI⁸. A ideia da universidade pública e suas facilidades era ainda mais distante. Caio não tinha conhecimento nem mesmo das políticas de cotas. Estes são fatos que merecem ser estudados com bastante clareza futuramente.

Por esses tempos voltou à universidade para tentar concluir a graduação. A dificuldade é grande, já que tem que trabalhar durante o dia e estudar em uma faculdade que fica do outro lado da cidade, a noite. Entra no trabalho às oito da manhã, trabalha até às 5 da tarde, toma o trem, faz baldeação, entra às 7 da noite, sai às 11 e chega em casa perto da uma da manhã. É necessária uma boa dose de dedicação.

Juca

Juca é o mais novo de todos que trabalham no salão. Tem apenas 21 anos e tem uma história de idas e vindas no salão. Também é sobrinho de Candinho, pela parte do pai, que também é separado de sua mãe. Hoje Juca mora na casa do seu pai, que lhe recebeu depois de alguns momentos “complicados” de um passado recente. Juca é com quem eu tenho mais contato, mas talvez seja o que eu menos conheço.

Em algum momento de sua vida, largou a escola. Hoje faz um curso supletivo a noite, no CEU Jambeiro, não muito longe dali. Quando dá 15 pras 7 da noite, o moleção de camisa do Che Guevara, botona e tatuagem no braço já caça seu caderno e vai pra aula, sempre animado. Voltou a estudar há pouco tempo. Nesse meio de ano, foi aprovado no oitavo ano. Começou agora o nono.

Como disse, não sei ao certo a trajetória de Juca. Existem períodos de sua vida que são verdadeiras lacunas para mim. A maior parte do que sei sobre ele, foi seu tio Candinho contando no salão. E foi assim que descobri boa parte de sua história recente, que envolve família, polícia, drogas e “o mundo do crime”.

Juca morava com sua mãe que, naquele momento, estava casada com um policial. Juca se envolveu com o crime e com drogas. Ele conta que houve um tempo de cheirar muita cocaína e fumar muita maconha. Em algum momento, tava participando da entrega

8 Programa do Governo Federal que paga integralmente ou em parte a mensalidade em faculdades privadas de determinados alunos, previamente selecionados através do desempenho no ENEM e dos respectivos orçamentos familiares

de um “pacote” quando “a casa caiu”. Ele conseguiu não ser apanhado, mas a história chegou no ouvido de seus familiares, principalmente de sua mãe.

Perguntei pro Juca, mas ele garante que nunca segurou nenhum B.O., tampouco roubou alguma coisa. Diz apenas que já “fez entrega”. E nessa, sua mãe o levou ao “Tio Candinho”, pedindo ajuda pra tirar Juca daquele mundo. Candinho conta, e já contou algumas vezes, que não aceitou. Que ele podia ajudar, mas primeiro a mãe dele tinha que educar ele, tirar ele do crime. Quando isso acontecesse, ele poderia voltar.

Rodrigoo voltar porque Juca trabalhou durante alguns anos com Candinho no salão antes de sair. Depois do ocorrido, pediu para o pai para morar com ele e recuperou seu emprego com Candinho, voltando a exercer o ofício de cabeleireiro. É nesse contexto que também volta a estudar e, segundo ele, para de beber e de usar todas as outras drogas. É também nesse momento que arruma uma namorada e adota um discurso, antes de religioso, cristão.

Juca morou em muitos lugares. Hoje sua mãe reside em uma cidade do litoral norte paulista. Algumas vezes, quando ia à Guaianases nos finais de semana, não o encontrava. Saía com a namorada no sábado depois do trabalho e ia até a casa de sua mãe, ficando por lá até segunda-feira de manhã. Chegava sempre com um sorriso no rosto, contando de como é legal ir pro meio do mato.

O Transporte

O metro de São Paulo transporta, nos seus 78 quilômetros de extensão, cerca de 4 milhões de passageiros por dia. Já a CPTM, nos seus 258 quilômetros de linhas, transporta algo em torno de 2,8 milhões de passageiros por dia. São quase 7 milhões de passageiros (não unitários) transportados por dia no transporte sobre trilhos da grande São Paulo.

São cerca de 2,5 bilhões de pessoas anuais que viajam nos transportes sobre trilhos da grande São Paulo. Número expressivo, mas ainda longe de ser o ideal. Existe a ideia, muito propagada, de que São Paulo é a cidade do metrô. Este é um engano que deve ser mensurado e entendido: mesmo somados os números do transporte de passageiros entre o metrô e a CPTM, este ainda tem cerca de 500 milhões de passageiros

transportados a menos do que os ônibus, isto sem contar, ainda, com os ônibus metropolitanos da EMTU⁹.

Portanto, um primeiro ponto que chamo atenção é que o meio de transporte mais usado na capital paulista são os ônibus municipais. Isto tem a ver com alguns fatores. É possível imaginar que em uma cidade tão grande, um transporte mais capilar seja mais bem sucedido. No entanto, áreas extremamente povoadas, com alta densidade, não são servidas pelos trens ou metrô.

Tomando Guaianases como ponto de partida, o distrito é, como já foi mostrado, um dos mais populosos do município, com uma densidade de 15 mil hab/km². Em horários de pico, é muito difícil tomar os trens no sentido do fluxo, ou seja, Guaianases/centro de manhã e o inverso no final da tarde. Apesar de tudo, existe apenas uma estação de trem em todo o distrito, que fica absolutamente abarrotada de gente.

Candinho me contava que a promessa sempre foi a de levar o metrô até Guaianases, não o trem. No entanto, conformado, Candinho tem a certeza de que é melhor ter o trem ali do que não ter. Essa a visão da maior parte da população. Justamente por ser pouco, o metrô (e em algumas situações, também o trem) é um atrativo importante no que diz respeito à localização das moradias. Morar perto do metrô é ver a vida em São Paulo facilitada. Mas por que é assim?

A partir da estação Belém do metrô, já na zona leste de São Paulo, todas as outras estações – exceto Guilhermina-Esperança – tem uma estação de ônibus anexa. Isso não é um acaso. A capilaridade do metrô nas regiões mais centrais da lugar a escassas estações nas periferias. A ideia é adensar as linhas nas regiões mais centrais, e portanto mais ricas, para poder dar vazão às populações que moram mais longe. Por inexistirem linhas que não passem nos centros, a pessoas são obrigadas descer na estação mais próxima de casa, mesmo que ainda seja distante. É aí que entra o transporte local, que sozinho transporta 1,3 bilhão de pessoas ano.

Como já alertava Villaça (1997), um dos ganhos teóricos da nova geografia é mostrar como o espaço urbano opera também como um espaço de dominação. O metrô é um exemplo característico dessa dominação. Em São Paulo, as únicas pessoas que podem pegar apenas o metrô para providenciarem seus afazeres, são as classes média e alta. A

9 Todos estes dados podem ser encontrados nos sites do metro, da CPTM e da prefeitura da cidade São Paulo

maior parte das pessoas está, necessariamente, amarrada a um transporte que não lhe permite, ao menos, apenas um sistema de transporte.

Na prática, isso quer dizer que, além do tempo no transporte sobre trilhos, ainda é necessário chegar ao destino e tomar um ônibus que passe perto de casa. Na estação de Guaianases, nas plataformas de ônibus em anexo, algumas vezes fiquei observando, nos horários de pico, a movimentação das pessoas ao saírem dos trens. A maior parte delas não vai a pé para casa. Ainda tem um bom caminho nos micro-ônibus, que entram nas ruelas das vilas. Todos muito cheios. O trânsito pouco veloz atrapalha ainda mais a volta para casa e, caso esteja chovendo, é necessário que não alague a avenida principal.

Mas, ao mesmo tempo que o metrô segrega, ele une. Esse paradoxo é representativo, pois, apesar de tudo, o metrô se encontra em uma região de circulação de grande parte dos moradores da cidade, a saber, o centro. Se dificilmente encontraríamos uma pessoa que more na Vila Mariana dentro do trem na estação Guaianases, o inverso é a regra, isto é, um morador de Guaianases pode ser visto com frequência no metrô na Vila Mariana, principalmente em dias de semana, a trabalho.

Esses micro-ônibus ainda são difundidamente chamados de vans, de peruas ou de lotação. O processo de institucionalização destas peruas é muito bem analisado por Daniel Hirata (2010, 2012). As peruas eram um transporte ilegal, que cobriam vastas regiões com carência de ônibus nas periferias de São Paulo. Segundo Hirata (2012, p.22), a explosão do transporte clandestino em São Paulo acontece por inúmeros motivos, como falta de ônibus regulares nas localidades, as linhas dos perueiros serem mais capilares, e portanto mais cômodas, além de custarem a metade do preço dos veículos tradicionais e oferecerem itinerários alternativos de acordo com o trânsito.

De modo bastante resumido, podemos dizer que o processo de legalização das peruas ocorreu no governo Marta Suplicy (PT), com o advento do bilhete único na cidade. Como alerta Hirata, as ligações entre as cooperativas dos micro-ônibus, agora legalizadas, o que chama de “nova esquerda” e o PCC são importantes, tendo as licitações sido “estranhas” e políticas. Também por Guaianases já ouvi algumas vezes as pessoas afirmarem sobre a relação entre o PCC e as peruas.¹⁰

Até hoje as características das vans são diferentes dos ônibus de linhas maiores. Nos micro-ônibus, os motoristas não tem um uniforme padrão, ainda tem uma liberdade

¹⁰ Para uma discussão mais aprofundada sobre a formação do transporte sobre pneus em São Paulo, ver a dissertação de Campos (2016). especificamente sobre os transporte clandestino e suas facetas, ver Hirata (2011)

maior dos locais de parada e o ambiente ainda parece muito mais informal do que tomar uma condução nas regiões mais centrais de São Paulo.

O mais relevante a ser dito é que a relação entre o transporte sobre trilhos nas periferias e as antigas peruas se dá de maneira determinante. Essa situação se diferencia em valores quando se sai do município de São Paulo. Ao invés do bilhete único, o usuário usa o BOM, que é válido para todas as cidades da RMSP em seus ônibus municipais, com desconto de R\$1,68 no valor final da tarifa.

Quem é e Para Onde Vai o Trem?

Vinheta 1 – Lá Longe!

Voltando de Guaianases, já no metrô bastante cheio. Linha 1-Azul sentido Jabaquara, tomada de gente. Na Sé, que ultimamente anda mais vazia do que há alguns anos atrás, entra um grupo de 4 meninas, brancas, animadas, com uns vinte e poucos anos cada uma delas. Duas estavam com mala, uma sem mala e uma sem mala e aparentando morar em São Paulo há muito tempo. Eu, recostado na porta do trem, não consigo parar de observar. Conversam muito alto. Estão todas muito animadas. Parece que uma delas nunca tinha pisado em terras paulistanas antes. Olho tudo com bastante atenção.

O tempo vai passando. Aposto que elas vão descer no paraíso, pensei comigo mesmo, remetendo a ideia de que iriam tomar a linha verde sentido Vila Madalena. A conversa delas não era necessariamente alta, mas o entusiasmo, atrelado ao fato de, no metrô, a maior parte das pessoas estarem com fones de ouvido ou mexendo no celular, fazia com que eu ouvisse toda a conversa. Começa a falar de viagens para fora do país. Uma delas parece ter morado na Alemanha durante algum período da vida. Uma outra fica mais afastada, quase não abre a boca. A moradora de São Paulo começa a falar do tempo em Nova Iorque. O pessoal tem viajado bem, parece.

Vamos nos aproximando do metrô paraíso. Estaria minha previsão correta? A conversa vai seguindo, da viagem, do avião, do que vão fazer a noite, que o tempodeestadia tinha que ser menor. Uma das meninas, a mais animada ali, começa a olhar o mapa do transporte metropolitano sobre trilhos, que fica pregado nos trens da CPTM e no trens do Metrô. Vai acompanhando com o dedo, entretida, enquanto a “moradora” continua a falar sem parar. As conversas foram, basicamente, entre as duas.

“Itaquera! Quero ir lá. É lá que fica o estádio do Corinthians, não é?” - fala a menina depois de encontrar no mapa a Estação. Uma outra fala que também queria ir conhecer. “Pelo amor de Deus”, responde prontamente a moradora da cidade. “Itaquera é na puta que o pariu. Não vou lá de jeito nenhum. Tem um monte de coisa pra gente fazer”, conclui, fulminante, não deixando brecha para chiadeiras.

O trem segue seu rumo. Estação Paraíso. “Vamos, é aqui que a gente desce”. Desceram todas elas, rumo a avenida paulista, pois se dirigiram à plataforma sentido Vila Madalena. Peguei meu caderno e anotei “meninas no trem”. Cheguei em casa e escrevi essa breve história pra nunca esquecer que, primeiro, a puta que o pariu é a regra, não a exceção; segundo, pelo menos agora tem muita gente que sabe onde fica Itaquera, mas ainda não fazem ideia que, depois de lá, o trem ainda corre muitos quilômetros.

Da Estação da Luz, no centro de São Paulo, sai o trem da linha 11-Coral com sentido à Guaianases. Essa é a primeira de duas etapas da linha, conhecida como Expresso Leste, que liga a capital às cidades de Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogi das Cruzes. A estação de Guaianases é uma estação de baldeação, onde se pega a continuação da linha 11.

Muito mais rápidos que a maioria das outras linhas de trem, o Expresso Leste faz um caminho com poucas paradas, com duração média de viagem de 30 minutos. Da Luz até Guaianases, o trem para nas Estações do Brás, Tatuapé e Corinthians-Itaquera, margeando a linha vermelha do Metrô de São Paulo. Depois alguns trechos subterrâneos e mais duas estações, Dom Bosco e José Bonifácio, até chegar ao destino final.

Pode-se dizer que, via de regra, os trens do Expresso Leste são novos, modernos e espaçosos. Os mais novos não possuem divisão entre os vagões e, pelo menos internamente, não perdem em nada para os trens mais modernos do metrô. A maioria possui ar-condicionado e “headway”¹¹ relativamente pequeno, mas ainda assim não atenua o sufoco que é tomar os trens da linha 11 nos horários de pico. É impressionante o número de gente que desembarca em Guaianases às 19 horas, por exemplo. Tanto gente que sai e vai a pé para casa, como gente que ainda continua a viagem pela linha 11, ou pega as antigas peruas, os agora micro-ônibus.

11 Internacionalmente conhecido como o intervalo de tempo médio entre um trem e outro

Em se falando da continuação da linha 11, ela sai de Guaianases e vai até a estação Estudantes, em Mogi das Cruzes. São mais 9 estações, cobrindo mais 4 cidades, em um total populacional que chega perto de um milhão de pessoas. No caminho, algumas estações provisórias de madeira são utilizadas enquanto as estações mais modernas são construídas. Essa linha ainda tem integração com a “linha de cima” da Zona Leste, a linha 12-Safira, que sai do Brás e vai até Calmon Viana, já em Poá, onde se integra com a linha 11.

Os trens da “extensão” são muito antigos e não aparentam terem passado por algum processo de modernização. Apesar da idade e do barulho, são trens bastante velozes, mas sem o conforto – se é que se pode usar essa palavra quando o assunto é transporte público – dos trens mais novos da CPTM. Vale ressaltar que estes trens saem quase que invariavelmente lotados, muito devido ao fato de sua frequência ser menor do que a dos trens que chegam da Luz.

A estação de Guaianases¹² é bastante grande e tem um fluxo de pessoas extremamente alto, mas não parece ter sido planejada de maneira adequada. Não existem elevadores ou escadas rolantes. Agrava ainda mais o sentimento de tumulto o fato de que, tanto as plataformas de embarque e desembarque, quanto os seus acessos, são os mesmos. Embarca-se por onde se desembarca. Em trens que desembarcam mais de mil pessoas e outras tantas esperam para embarcar, é inevitável a superlotação.

Mas esses são contornos que não mostram a verdadeira face dos trens. São traços sem vida. O que dá sentido aos trens são as pessoas que andam neles todos os dias. A cara do trem, com certeza, não é branca. É uma população majoritariamente não-branca que se espreme nos corredores e passagens para conseguir circular pela cidade. O sotaque do trem não é paulistano, é uma mistura de sotaque que vem do norte, que vem do nordeste, imigrantes falando outros idiomas que eu não consigo entender. O trem acorda muito cedo. 4 horas da manhã já está funcionando, e enchendo. Não é o acaso que faz com que a CPTM abra às 4 horas e o metrô às 4 horas e 40.

Andar de trem é um jogo muitas vezes traiçoeiro. É necessário conhecimento, experiência e paciência para conseguir completar viagem nos horários de pico. As filas são quilométricas e não há infraestrutura. Demora-se para passar a catraca, demora-se

12 Para entender a estação de Guaianases, ver anexo 1. Lá tem as fotos e o croqui da Estação em alguns momentos do dia

para chegar à plataforma, demora-se para embarcar. O fato é que se perde mais tempo nessa etapa da viagem do que dentro do trem.

O passageiro com um mínimo de experiência mantém os cartões carregados, a fim de não enfrentar a fila de compra dos bilhetes. Essa é a premissa básica para quem toma os trens no auge do fluxo. É necessário enfrentar a fila com tranquilidade. Mesmo com aquela quantidade de pessoas, não se vê tumulto. Suponho que todos saibam que são parceiros de rotina. Trens chegam e logo saem abarrotados de gente.

Nos horários em que os trens esvaziam um pouco, é a vez dos marreteiros¹³ tomarem conta do recinto. São vendidos salgadinhos, biscoitos, balas, toda sorte de chocolates, celulares, fones de ouvido, carteiras, água, pendrives, bolachas, confeitos em geral, tudo por um preço muito abaixo do mercado.

Em geral, os marreteiros são sujeitos quem andam em duplas, usam roupas da moda e tênis de marca. Na estação da Luz, ficam sempre juntos, mais ou menos no mesmo lugar. Alguns marreteiros fogem do estereótipo, mas estes geralmente estão trabalhando sozinhos, por conta própria. Andando pela cidade, no entanto, nota-se que as características dos marreteiros e suas mercadorias variam de acordo com os trens. Dito de outra forma, a depender da região, os marreteiros se diferem no fenótipo e estereótipo.

Sem ainda as tecnologias de vigilância e a massa de seguranças atuais, os marreteiros proporcionavam uma verdadeira cantoria nos vagões dos trens: olha o DUP é dez, delicioso chocolate ao leite. DUP é dez! DUP é 10!. Outros destacava de sua sacola o mais novo lançamento, o descascador de legumes [...]. No caminho vendia-se de tudo e sempre com o texo na ponta da língua para atrair os clientes (SANTOS, 2014, p.24)

Santos é certo em seu enunciado, mas já alerta, em seu texto, para as mudanças que vem acontecendo nos trens. Se hoje ainda se encontra com muitos marreteiros, antigamente eram em número muito maior. Com as propostas de modernização dos trens, a CPTM passou a incorporar forte esquema de segurança para o combate ao comércio ambulante. Além de câmeras dentro dos trens, um forte aparato de seguranças terceirizados, muitas vezes armados, fazem ronda nas estações e, em menor grau, nos trens.

O forte esquema de fiscalização inibe de alguma maneira os marreteiros. Assistir nos trens é interessante pelo constante perigo que julgam esta sofrendo. Prestam atenção em tudo. Só que como é comum, as negociações e tratos, que se encontram nas

13 Marreteiro é o nome dado aos vendedores ambulantes dentro dos trens.

zonas cinzentas entre o legal e o ilegal, são características, de tal forma que o comércio existe, mas o *rapa* também pega.

Segunda-feira, amanhece frio em São Paulo. Havia combinado com um amigo que iria com ele até a estação Engenheiro Manoel Feio, em Poá, onde ele trabalha. Fomos de carro. Acordei por volta das 6 da manhã, mas saímos já passava das 7 horas. O itinerário: avenida do Estado, Radial, Salim, Marginal Tietê, Ayrton Sena, Itaquaquecetuba. São Paulo é tudo uma coisa só; é imenso. Taqua, como é chamada, parece mais um pedaço da Zona Leste. O urbanismo da cidade parece inteiramente o de periferia.

Chegando na estação, que nada lembra as modernas estações do metrô, passei na catraca quando a porta do trem estava fechando. Saí correndo e consegui entrar, com certo estardalhaço, no trem. Todo o vagão, de gente não branca, me olhando com estranhamento. Não sei se foi apenas pela maneira como entrei, mas parecia ser também pela pessoa totalmente desenquadrada do perfil que estava ali, em pé, em um vagão onde todos estavam sentados. Os marreteiros começam o seu trabalho normalmente. Mal vestidos, com roupas já mais surradas do que aquelas que frequentemente vejo os marreteiros do trem da linha 11. Vendem principalmente balas.

Percebo que tomei o trem pro sentido errado quando chego no Jardim Romano. Desço e troco de trem. (História do rapaz que ia pra LUZ). Paro em Calmon Viana, em Poá, onde integro com a linha Coral e vou sentido Guaianases. São Paulo é uma grande quebrada. É a típica morfologia de periferia que impera em todo o trajeto do trem. São quilômetros e quilômetros de ruazinhas e casas empilhadas, com ou sem reboco, à beira da linha férrea. A exceção, definitivamente, é a cidade do metrô, não o contrário. (Cadernos de campo, adaptado)

Todas essas informações foram obtidas etnograficamente nas minhas andanças por São Paulo. Como era necessário um longo tempo de viagem entre minha casa e o meu local de pesquisa, trocando de linhas várias vezes, desde o primeiro dia, sempre me ative ao trem como um campo de observação, fazendo parte dos meus diários de campo. Assim, desde as aglomerações nos trens nos horários de pico até os modos como se vestem os marreteiros são dados empíricos, gerados a partir da pesquisa etnográfica.

Motivos e Destinos: a circulação

Vinheta 2 – Helipa

Sexta-feira, por volta das sete da noite. Estava na barbearia fazia algum tempo e já me preparava pra ir embora. Mais cedo tinha conversado com Caio e Juca sobre como é morar na periferia e como as relações mudam de periferia pra periferia. Caio sempre frisa isso: andar na quebrada não é tudo igual. De repente chega um rapaz, aparentando uns 20 anos, pra cortar com o Caio, que já fala: “Aí, Greg, esse aqui vai lá no fluxo”.

No salão, apenas Gabriel não estava. Juca estava de férias do colégio, por isso conseguir ficar até o final do expediente. Em pé, do lado da cadeira do menino, começamos a conversar enquanto Caio cortava seu cabelo. Perguntei pra qual fluxo que ele ia e ele respondeu Heliópolis. Depois que ele me contou, busquei saber um pouco mais sobre os fluxos de rua na “Cidade Nova Heliópolis”, ou apenas Helipa, favela localizada já na divisa entre São Paulo e São Caetano do Sul. São inúmeras páginas e vídeos na internet que dão conta de que esse é o maior fluxo de São Paulo, contando, geralmente, com milhares de pessoas.

O rapaz, que chamarei de Leto, cortava o cabelo justamente porque ia ao fluxo mais a noite. Perguntei como eles faziam pra chegar. Heliópolis não fica muito distante do metrô Sacomã, o que torna o deslocamento até lá, por alguém que mora em Guaianases, facilitado. Como vão sempre em muita gente, só pagam a passagem de volta, quando já estão mais “chapados” e dispersos entre si. Na ida, pulam a catraca na estação. Ele me diz que todo mundo deixa os três reais e cinquenta separados, para não ter problema na hora de voltar.

Mas o “ir em bando” não é simplesmente uma tática para não pagar passagem, e sim uma estratégia de circulação pela cidade. Heliópolis, segundo Leto e Caio, não é como Guaianases. Isso quer dizer que não entra quem quer. “Você, alemão desse jeito, chega lá, os cara já vão tirar satisfação”. Mas não é apenas isso. Também está atrelado ao que Leto chamou de “não se sentir seguro fora da própria quebrada”. O que ele quer dizer é que o “proceder”¹⁴ é diferente. Como não se conhecem as pessoas para, em gíria carioca, desenrolar, não se tem domínio das práticas do local e, principalmente, não se é conhecido, a ideia de ir em bando para afastar possíveis problemas pareceu, aos meninos, a melhor saída.

Isso fica evidente também em suas falas. O “saber conversar”, o desenrolo, é importantíssimo em qualquer lugar. “Tem lugar que se não souber conversar não sai”, diz Leto. Mas isso vale também para que ganha com o fluxo. Leto conta incrédulo que dificilmente vê qualquer viatura de polícia por lá. Ao mesmo tempo, Caio conta que os fluxos em Guaianases acabaram há algum tempo justamente pela ação policial, que, como diz, “chegava, quebrava tudo, batia em todo e mandava ir embora”. Conseguir negociar, “nas tramas da cidade”, nas “dobras entre o legal e o ilegal” (TELLES, 2006), de tal modo que seja permitido o funcionamento de um evento que, sem dúvida,

14 Apesar de não ter sido esse o termo empregado, era essa a ideia que ele transmitia

movimenta muito o mercado ilícito, é uma tarefa árdua, que exige muita articulação, conversa e conhecimento de diversas “áreas”, dos dois lados da “fronteira”.

Mas o que é um fluxo de rua? Segundo Leto e Caio contam, na falta de lugares para se frequentar nas periferias, os jovens se reúnem nas ruas, de carro, com um som alto, e ficam tomando bebida alcoólica¹⁵. No caso de Heliópolis, são várias as ruas onde o fluxo acontece. A ideia é tomar vodka e uísque com energético. Segundo Leto, nas ruas os ambulantes vendem até gelo de água de coco. [...]

Em praticamente todas as vezes que fui à Guaianases, sempre tomei os trens vazios, tanto na ida, quanto na volta. Isso indica que a maior parte das pessoas tomam os trens mais ou menos nos mesmos horários. Isso quer dizer que inúmeras pessoas saem de casa para trabalhar e estudar e, para isso, precisam tomar o trem rumo ao centro da cidade. A principal forma de circulação de pessoas é, portanto, para cumprir obrigações, isto é, para trabalhar.

Mas este não é o caso dos meninos do salão. Eles já trabalham em Guaianases, portanto sua circulação pela cidade tem outras motivações. Como venho dizendo, este trabalho é sobre homens, portanto a cidade que enfoco é a cidade dos homens. Os modos e motivos para circular na cidade tem a ver, muitas vezes, com cristalizações diferentes entre os gêneros.

Sair de Guaianases e ir para uma balada em pinheiros. Sair de Guaianases e ir para um baile de favela na zona sul. Ir para Mogi visitar a avó. Ir ao Brás comprar calça. Ir ao shopping comer no McDonald's. A lógica da circulação, para os meninos do salão, está amarrada junto com a ideia de evento: é o momento de quebra da rotina. E por quebrar a rotina, também rompe com o automático. Isso quer dizer que, em lugares outros, tem de se ficar ligado e manter a humildade.

João Antonio, escritor brasileiro, sempre trabalhou com a cidade como plano de referência. Em seus textos, livros e contos, sejam falando de São Paulo ou do Rio de

15 Lembrando a ideia de Capital/interior, algo muito parecido já acontecia nos meus tempos de adolescência, em uma pequena cidade do Rio de Janeiro. Na falta do que fazer, todo mundo se reunia, no sábado a noite, para ficar tomando cerveja na praça da igreja matriz, no centro da cidade. Vários carros encostavam, com os auto-falantes ligados no volume máximo, muito deles tunados. Mas essa era uma prática de todos, não ficando contida apenas à parcela da população moradora dos lugares mais pobres.

Janeiro, seus personagens e suas descrições sempre pareceram quadros reais da vida cotidiana. Na década de 1960, já descrevia a cidade de São Paulo com bastante nitidez. Um dos seus personagens mais marcantes, Perus, nome do bairro onde residia, é retratado tomando os trens urbanos para chegar ao centro de São Paulo e ganhar algum dinheiro. Depois que se mudou para o Rio de Janeiro, João Antonio ficou quase uma década para publicar o seu próximo livro, intitulado *Leão de Chácara*. Para ele, a explicação era simples: como escrever sobre algo que não se conhece?

Essa perspectiva é endossada, mesmo que de maneira involuntária, pelos indivíduos que conheci em Guaianases: saber agir em Guaianases não te dá o arcabouço necessário para agir em qualquer lugar. Ao circular pela cidade, tem-se que tem sempre na cabeça a ideia de que as coisas não são iguais em todos os lugares.

Quando Candinho chegou em São Paulo, a cidade era outra. O metrô ainda estava sendo construído, apesar de São Paulo já ser, à época, a maior cidade da América. Junto com a cidade, Candinho se mudou, os trens mudaram, as ruas mudaram. Estabelecido em Guaianases há muitos anos, Candinho não vê necessidade de sair da região para praticamente nada. Tudo que vai fazer é na Zona Leste ou nas cidades próximas a Guaianases.

Neste sentido, vale dizer que a centralidade de Guaianases no chamado “fundão” da Zona Leste é importante. O distrito tem boa oferta de escolas e lojas. Comparativamente à Cidade Tiradentes, por exemplo, possui infraestrutura e aparelhos urbanos de grande porte, como CEUs, um grande hospital, uma ETEC, além de boa aparelhagem de ruas e avenidas na sua região mais central. Ali também se concentra grande número de empregos, muito pela grande quantidade de comércio, que atrai habitantes de outras localidades para trabalhar e passear. Não obstante, o fato da estação de trem ser um ponto de baldeação também abre uma brecha para uma maior concentração de pessoas.

De todas as conversas que tive com Candinho, ele nunca se mostrou animado com a ideia de ir a “São Paulo”. A própria forma de tratar o centro, chamando-o pelo nome da própria cidade, já é uma forma de nos mostrar como a realidade de cada território¹⁶ são distantes umas das outras. Ir até São Paulo, longe, praticamente outra localidade, é uma tarefa que não apetece Candinho em praticamente nenhuma situação. Geralmente suas

16 Território entendido como Burgos (2005)

necessidades são supridas ali mesmo ou nas redondezas, em cidade como Ferraz de Vasconcelos ou Poá.

Vinheta 3 – Comprando Roupa

Já se aproximava das 5 da tarde quando Candinho resolveu me chamar para ir até uma loja para ajuda-lo a comprar calça jeans. Caio e Juca geralmente não o ajudavam a resolver estas pequenas situações. Aparentemente, Candinho queria comprar as calças, mas gostaria do aval de alguém em quem confiasse. Eu, que àquela altura já estava pensando em ir embora, aceitei o convite.

Sáimos do salão, atravessamos a linha do trem pela antiga estação e caminhamos seguindo a avenida principal, até chegar a uma rua mais estreita, mas com bom número de lojas. Uma delas já chamou atenção pelo tamanho. Era uma típica loja popular, com gôndolas lotadas de roupas empilhadas a preços módicos, além de uma vasta parede, onde toda a sorte de calças ficavam penduradas.

“É aqui”, disse Candinho, entrando timidamente na loja. Apontou a parede de calças, todas a 30 reais, e me pediu que lhe ajudasse a escolher umas três. As calças iam do jeans mais claro ao mais escuro, passando por calças com riscos ou “manchas”, além das com mais ou menos bolsos.

Nesse momento, ao notar preço tão atraente, eu mesmo comecei a ver com bons olhos a ideia de comprar uma calça jeans para mim. Mais para o lado esquerdo, uma fileira de calças se destacava pelo seu corte diferenciado. Cheguei perto e vi que eram calças da marca Hering, Estas custavam 40 reais. Candinho também notou a diferença e qualidade, mas logo se desapontou, pois estas só tinham tamanho 40. Acabei provando a calça, mas não levei, mesmo com a forte campanha a favor de Candinho.

Depois de pelo menos meia hora escolhendo e provando calças, Candinho se decidiu por levar três delas, além de mais um par de camisas polo, de boa qualidade. Na hora de pagar, uma tentativa frustrada de conseguir desconto, o que fez Candinho quase desistir da compra. Fui eu quem o convenceu a confirmar o pedido, já ponderando que o tempo gasto ali tinha sido muito grande para ter sido em vão. Candinho comprou, mas deixou pra trás uma camisa e uma calça como represália.

Sáimos da loja e voltamos ao salão. No caminho, perguntei a Candinho se não era melhor ir até o Brás comprar as calças, as vezes mais baratas e de melhor qualidade. Para

Candinho, as vantagens de comprar as coisas por ali tinham um custo-benefício melhor do que o deslocamento até o centro.

Como venho argumentando, o motivo principal que faz com que as pessoas circulem em direção ao centro é o trabalho. É certo que em Guaianases existe certa oferta de emprego, mas esta não dá conta do grande número de pessoas que moram na região. Ademais, os trabalhos disponíveis no distrito têm um recorte marcado: comércio. Profissões como cabeleireiro/a, salões dentro de casa, cursos profissionalizantes e empregos de vendedor em toda sorte de lojas é o que mais se vê.

A fixidez se concentra na residência. Não é certo dizer que as pessoas moram na periferia apenas por uma questão econômica. A cidade foi estruturada, nas periferias, mediante relações marcadamente estreitas, em grande parte das vezes, relações familiares. Ali está a vida das pessoas, a vida que elas sabem viver. Ali se encontra a cidade que é a cidade que se conhece.

Caio roda a cidade quase todos os dias. Como um expoente do novo momento que o Brasil veio vivendo, desde o segundo mandato do presidente Lula, Caio faz faculdade em uma faculdade particular no bairro da Barra Funda, a oeste do centro de São Paulo. Como trabalha durante o dia, seu curso é noturno.

Mesmo enquadrando-se em um momento em que se tornou comum jovens de periferia cursarem faculdades – inclusive há uma explosão de faculdades particulares com o público alvo em pessoas de renda mais baixa, com mensalidades bem mais acessíveis –, Caio não tem qualquer tipo de ajuda de programas do governo, seja ProUni, FIES ou outro.

Neste sentido, ir ao centro de São Paulo, para Caio, é uma rotina. No entanto, sua circulação se limita ao trem e ao prédio onde estuda, muito perto da estação Palmeiras-Barra-Funda do metrô e CPTM. Para chegar ao seu destino, na ida, Caio vai até a luz pela linha 11, aonde troca para a linha 7, na plataforma vizinha, até chegar ao destino. Na volta, os 35 quilômetros da Barra Funda até Guaianases são feitos de metrô e ônibus. Caio anda toda a linha vermelha do metrô e, em Itaquerá, pega o ônibus que passa perto de sua casa.

Caio é um caso a parte no salão. O fluxo dele pelas regiões mais centrais da cidade é mais comum do que o dos outros rapazes, mesmo que não seja regular. Dessa forma Caio não somente vai ao centro para estudar, mas vai ao Brás comprar roupa, vai à subprefeitura trabalhar, vai a uma balda em Pinheiros, vai ao clube no Itaim Paulista.

Vinheta 4 – Contando a Balada

Era meio de novembro e eu, passando por São Paulo, resolvi ir visitar os meninos no salão, principalmente o Candinho, que sempre me cobra visitas em menores intervalos. Cheguei no salã, apenas Candinho e Caio. Cumprimentei os dois com alegria e me sentei.

Caio, com uma voz alegre e cheio de entusiasmo, desfere repentinamente um “Greg!!! Você não sabe onde eu fui sábado!! Numa balada em Pinheiros!!”. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ele começa a contar detalhadamente como foi aquele dia, que parecia ter sido único. Para todos os indivíduos mais conhecidos que entraram ali, o Caio repetiu a história.

“Greg, 250 conto, mas vale muito a pena!”. Foi assim que Caio começou a falar da boate que tinha ido. Com uma riqueza de detalhes impressionante, contava como eram os ambientes do lugar, o tamanho da casa, o tipo das pessoas, os carros que paravam na entrada, as bebidas que eles vendiam.

Rapidamente pegou o celular e começou a me mostrar alguns vídeos que houvera feito na festa. Vídeos dele e dos amigos curtindo no lugar.

“Greg. Só mina gata. Não tinha mina feia lá, mano. E os carro? Só carrão parando na porta. E na hora que você entra, você acha que não ta tendo nada, porque o primeiro ambiente só teum uns sofás, mas depois você entra e olha só esse vídeo aqui. É muita gente. Eu era o único preto lá.”

O Gabriel chega e Caio perde mais um bom tempo falando da festa, dos carras e das mulheres enquanto corta o cabelo de alguém.. Sem dúvida, aquilo não acontecia sempre, pensei comigo mesmo.

Se hoje Caio circula pela cidade com destreza, não foi sempre assim que as coisas aconteceram. No passado, ele me contava, desde sua infância mais remota até o final da sua adolescência, ele diz contar nos dedos às vezes que foi ao centro de São Paulo. “Eu não ia muito, não tinha o que fazer lá. Eu era um cara que ficava mais em casa.”

Ao mesmo tempo em que o centro e as outras regiões da cidade sempre foram locais de pouco contato, a sua vizinhança passou a ser muito conhecida por ele. Dessa forma, desde cedo Caio saía para os fluxos de ruas, para encontrar os amigos pela região, para ir estudar. Como morou praticamente toda a vida na região, Caio conhece boa parte dos modos de agir, das pessoas e dos lugares de Guaianases. Por outro lado, também conhece “quebradas” da Zona norte, pelo seu irmão, que mora lá, em Perus.

A mesma lógica não se aplica a Juca. Aliás, de alguma maneira, é uma lógica inversa. Quando moleque, Juca frequentava o centro de São Paulo. De alguma maneira, pode-se dizer que era um lazer. Ia para o centro junto com seus amigos para pedir dinheiro na rua, guardar carros e depois gastar no fliperama.

Se no passado, essa era uma prática tangível e oportuna, com o passar do tempo, sua vida passou a se voltar para o fundão da Zona Leste e as cidades da RMSP por onde passa o trem da linha 11. Por muitos motivos, assentou por Suzano e Mogi das Cruzes uma série de relações, familiares ou não, que não lhe permitiram, na vida prática, se desassociar destes lugares.

Assim, depois de morar, numa rotina quase pendular, entre Guaianases, Mogi e Suzano, seja sozinho, com a mãe, com a avó e, agora, na casa do sogro, a vida de Juca se resumiu em grande parte em tomar os trens da linha 11 no “sentido bairro”.

Por mais que, em outros tempos, Juca confesse ter andando – e até morado – em lugares como Francisco Morato, Franco da Rocha e a periferia da Zona Norte, hoje sua movimentação pela cidade se resume à parte leste, a não ser nas situações ocasionais – nos eventos – de ir ao centro ver roupa e materiais para o salão.

Em todo o tempo que passei no salão com os meninos, eu nunca os ouvi dizendo algo sobre ir até a Avenida Paulista ou o Ibirapuera nos finais de semana, ir até o Parque do Carmo ou ao SESC, ir a um show ou ver algum filme no cinema. Provavelmente, se perguntar ao Candinho, ele não vai se lembrar da última vez que foi a um cinema assistir a um filme.

Não lembro exatamente como o Juca começou a trocar ideia comigo. Foi uma coisa mais natural. Já tinha observado a sua excelente oratória. Acho que foi o que disse pra ele, que ele tinha que escrever e tal e ele me falou que já escrevia. Fazia letra de rap em louvor a Jesus. Nesses assuntos que começam e a gente não sabe bem como, Juca, quando me dei conta, estava me contando da vez que foi na Zona norte pra gravar em um estúdio numa quebrada. Descreveu o lugar, uma favela, com suas escadarias e tal, num lugar muito pobre mesmo. Ele contava isso como algo totalmente alheio da sua realidade, como se nunca tivesse ido a um lugar semelhante àquele antes. Falou das pessoas, que não tentavam passar a perna igual me Guaianases. Falou disso usando o exemplo do preço que o cara do estúdio cobrou em cada lugar. Descrevia aquele lugar na Zona Norte como um lugar de gente muito boa, apesar das dificuldades extremas pelas quais passam. Na hora pensei que não deveria ser difícil encontrar um cenário parecido com esse que acabara de me descrever ao andar pelas ruas de guaianases. Ele passou muito tempo falando disso, mas não lembro detalhadamente. (Cadernos de Campo)

Posso dizer que o ponto de referência que se instala nos discursos dos meninos do salão em relação a uma área de gente mais rica e frequentada por eles é o Tatuapé. Parece que esta região é um polo mais ou menos inteligível e reproduzido por todos em se tratando de “centro”. A Zona Sul, o vetor sudoeste, Vila Olímpia, Santo Amaro, Moema, etc, nunca apareceram em suas falas, mesmo sendo os lugares mais ricos da cidade. A lógica do centro tem a ver com o tangível e com o vivido, com o palpável e com o utilizável.

Não obstante, a territorialização da cidade e as suas diversas facetas, a depender do lugar, não dialogam em seus mais diversos códigos. Portanto, via de regra, é quem vem da periferia que está circulando em um lugar aprioristicamente estranho. E se o lugar é estranho, o sujeito, de outra parte da cidade, com outro plano de referências e outro arcabouço de inteligibilidade simbólica é que, sumariamente, é desgarrado do bando como estrangeiro. Dito de outra forma, ao circular por lugares outros, principalmente em certos horários e estabelecimentos, um sujeito da periferia pode ser reconhecido por quem não é da periferia.

Vinheta 5 – Quem é quem?

Tinha ido a um bar, na esquina da Consolação com a Santos a fim de encontrar um amigo com o qual morei em São Carlos no ano de 2014. Ficamos por lá até mais tarde, tomando cerveja e jogando conversa fora. Lá pelas tantas, um rapaz e uma moça se juntam a nós, que estávamos em pé perto da rua, e começam a conversar. A moça chegou pedindo um isqueiro emprestado e acabou ficando por ali.

A moça era negra e o rapaz branco. Ambos eram cabeleireiros de um salão em Pinehiros. Ficaram por ali durante mais de uma hora, conversando e tomando cerveja, em pé, conosco. Eu estava de boné, o que não lhes permitiu antever meu corte de cabelo. No momento em que retirei o boné, o rapaz logo elogiou o meu corte. Eu havia acabado de fazer um corte degradê no salão do Candinho. “Nossa, ficou muito bom seu corte. Olha, lá no salão que eu corto é 100 reais esse corte, mas conheço um lugar super legal aqui na Paulista, baratinho. Você vai gastar uns 60 reais. Nossa! Tá muito bom.” Enquanto ele falava isso, eu imaginava a cara do Caio – que foi quem cortara meu cabelo naquela feita, sobre o que ele ia achar desse comentário.

Passado o tempo, meu amigo perguntou onde Graça e Rodrigo moravam. Graça falou que morava em Santo Amaro. Eu, que até então havia me mantido calado, enfatizei se ela morava mesmo em Santo Amaro. “Ué, por que!”, me respondeu com um olhar de quem gostaria de saber como eu sabia que ela não era de lá.

Já muito mais tarde, em algum momento que eu e a Graça ficamos a sós, ela me voltou a palavra, que eu mesmo nem me lembrava, e me perguntou como eu sabia que ela não era de Santo Amaro. Respondi que não sabia, que fora apenas um palpite.

Ela me olhou agora com um olhar mais enigmático e explicou que era do Capão Redondo, tinha um filho com um cara filho da puta e que não pegava bem falar que era de lá no salão que ela trabalhava, pras pessoas que frequentavam aquele salão. No final, terminamos a noite com Racionais MCs: “moro no Vaz de Lima (onde ela mora). Conhece Maracá, então, ali pra cima”¹⁷

Considerações Finais

Este artigo é uma versão bastante sintetizada de uma pesquisa mais abrangente feita na periferia de São Paulo. Aqui, no entanto, tracei rapidamente a trajetória dos sujeitos desta pesquisa, que se não são migrantes, são filhos de migrantes a judaram a construir São Paulo desde os anos de 1970.

O intuito maior do texto é tentar evidenciar, primeiro, o funcionamento do transporte público de São Paulo e sua estrutura básica, elucidando, a partir de notas

¹⁷Trecho da música “Estilho Cachorro”, dos Racionais MCs, do álbum “Nada como um Dia Após o Outro”

etnográficas, que são as pessoas que o utilizam. Justamente pelo seu tamanho, a cidade ainda carece de uma expansão na malha ferroviária e aumento da qualidade daquelas que existe.

Por outro lado, trouxe à baila um pouco do que acontece dentro dos trens, a partir das descrições das minhas viagens. As teias e figurações dentro dos trens, acredito, são campo frutífero para entendermos uma série de problemáticas estabelecidas pela sociologia, como trabalhos, ilegalismos e a circulação.

Por fim, sem o intuito de criar um conceito e a partir da análise sociológica das cenas, trouxe os lugares por onde circulam os sujeitos da minha pesquisa, suas motivações e motivos. A proposta do artigo não é encerrar a discussão a partir do campo, mas trazer um conhecimento acerca da realidade social que nos permita avançar nesse campo importante da sociologia urbana, que são a circulação e os fluxos de pessoas e as formas de agir em diversas situações.

Bibliografia

- BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, Territórios e Cidadania. Dados, v. 48, n. 1, 2005.
- CAMPOS, Marcos Vinicius Lopes. Ferramentas de governo: Instrumentação e governança urbana nos serviços de ônibus em São Paulo. Dissertação. FFLCH/USP, 2016.
- DAS, Veena. O Ato de Testemunhar: Violências, Gênero e Subjetividade. Cadernos Pagu, Campinas-SP, n. 37, 2011.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. Desvelar a política na periferia: História de Movimentos Sociais em São Paulo. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2005
- FELTRAN, Gabriel. Crime e castigo na cidade: Os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. Caderno CRH.Salvador, v.23,p. 59-74,jan/abr. 2010.
- HIRATA, D. No meio do campo: o que está em jogo no futebol de várzea. In: TELLES, V.S.; CABANES, R. Nas tramas da cidade. Trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006. p.243-90.
- HIRATA, Daniel. Produção da Desordem e Gestão da Ordem: notas para uma história recente do transporte clandestino em São Paulo. Dilemas: Revista de Estudos de

Conflito e Controle Social, v. 4, n. 3, p. 441-465, 2011.

MACHADO da SILVA, Luiz Antônio. Vida Sob Cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RIZEK, Cibele. Práticas sociais e culturais: Novas Tessituras? Trabalho apresentado na ANPOCS, 2009.

_____. Etnografias Urbanas: cultura e cidade de dentro e de perto. Revista Redobra, no 12 . ano 4 . 2013. RIZEK, Cibele; GEORGES, Isabel. FREIRE, Carlos. Trabalho e Imigração: uma comparação Brasil e Argentina. Lua Nova, São Paulo, 79: 111-142, 2010.

ROSA, Thais. Cidades Outras: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares. Tese de Mestrado, IAU-USP, 2014

SANTOS, José Douglas. Políticasde quebrada e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2014.

TELLES, Vera & CABANES, Robert. Nas Tramas da Cidade: trajetórias Urbanas e seus Territórios. São Paulo: Associação Editoria Humanitas, 2006

TORRES, Haroldo G. et al. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. Estud. av. Vol.17no.47 São Paulo Jan./Apr. 2003.

VILLAÇA, Flávio. Efeito do Espaço Sobre o Social na Metrópole Brasileira. VII Encontro Nacional da ANPUR. Recife, 1997.